

# Estudo de formação e expansão do dialeto caipira em Capivari

GARCIA, Rosicleide Rodrigues<sup>1</sup>

## Resumo:

Este artigo, pertencente à dissertação *Formação e expansão do dialeto caipira na cidade de Capivari*, sob orientação do Prof. Dr. Manoel Mourivaldo Santiago Almeida da Universidade de São Paulo – sendo um subprojeto do Projeto Caipira, que está desenvolvendo pesquisas relacionadas à comunidade lingüística de São Paulo - buscando responder a diversas questões acerca do linguajar da cidade de São Paulo, este título fará apontamentos diacrônicos e sincrônicos das variantes lingüísticas que foram registradas em um breve estudo da oralidade atual e em meio a textos de documentos cartoriais do século XIX da cidade de Capivari, local especialmente pesquisado por ter sido o berço natal do autor da obra “O dialeto caipira”, Amadeu Amaral (1922). No trabalho veremos o registro de variantes fonéticas tão presentes em nosso cotidiano e que se trata, na verdade, de heranças dialetais que já circundavam o português paulista antes mesmo das observações feitas por Amaral, e permaneceram na língua mesmo após a democratização do ensino básico, influências externas e introdução de diversas formas de comunicação.

**Palavras-chave:** dialeto caipira; variantes lingüísticas; Amadeu Amaral.

## Introdução

Este artigo pertence ao projeto *Formação e expansão do português paulista ao longo do Rio Tietê a partir do séc. XVII*, sob orientação do Prof. Dr. Manoel Mourivaldo Santiago Almeida da Universidade de São Paulo. Dentre as localidades estudadas está a região de Capivari, a 108 quilômetros de São Paulo, terra de passagem das monções (HOLANDA, 1976, p. 78) e cidade natal de Amadeu Amaral: autor de *O Dialeto Caipira* (1922). O trabalho tem como proposta a busca exaustiva de variantes lingüísticas em documentos cartoriais editados do século XIX e um breve exame do falar dos capivarianos, cotejando a locução atual com as variantes registradas nos fólhos, de modo a expressar (ou não) os estudos

---

<sup>1</sup> Mestranda da USP, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas do Programa de Pós-graduação do Curso de Língua Portuguesa e Filologia, residente à rua Gutemberg, 22, CEP: 09240-010, Santo André, São Paulo, Brasil. Endereço eletrônico: [rhozzi@usp.br](mailto:rhozzi@usp.br)

dialetais feitos pelo autor em questão, demonstrando, assim, o que já pertencia à língua antes de suas observações e o que permaneceu após quase um século da publicação de seu livro.

Como o estudo é feito sobre a base escrita, as considerações abordadas partirão da presença de metaplasmos e fenômenos diversos nos vocábulos, o que auxiliará novas pesquisas para compreensão do que é herança, arcaísmo, ou variação ambiental por influência do contato com outros povos. De qualquer forma, este artigo apontará as variantes, não adentrando na historiografia da região, correntes migratórias, ou comparações aprofundadas de isoglossas, apenas focando as ocorrências e mudanças sofridas nos vocábulos registrados nos documentos cartoriais e nos diálogos dos capivarianos.

### ***O corpus***

Para compreender o processo de formação do dialeto paulista através da base escrita, fora utilizado o labor filológico. Sendo assim, foram editados 72 documentos cartoriais da cidade, provenientes do período colonial, sendo 184 fôlios, e deles retiradas as variantes. Os primeiros fôlios são do Livro de Notas n° 2 de 1785 do Museu e Arquivo Municipal de Itu (MAHMI), os segundos são do Livro de Notas n° 19 de 1808 do Museu Republicano “Convenção de Itu” e demais documentos são fôlios diversos das caixas n° 54, 185, 186 e 187, séries CO0234, CO0980, CO0981 e CO0982 (respectivamente) de 1819 a 1888 do Arquivo do Estado de São Paulo.

O breve estudo do falar capivariano utilizou as entrevistas de quatro moradores, sendo eles dois homens e duas mulheres entre 60 e 91 anos, com pouco grau de escolaridade, pertencentes à classe média-baixa, média e média-alta, e residentes na região desde que nasceram. Durante as transcrições, procurou-se respeitar a oralidade dos entrevistados, permanecendo-se fiel a truncamentos, repetições, pausas, ênfases, interrupções, interrogação, fáticos, e principalmente à presença de metaplasmos.

Para que seja feito o trabalho comparativo, seguiu-se o caminho de Amaral (1955) em seu capítulo sobre Fonética: falaremos da generalidade do falar dos habitantes, dos fonemas e suas alterações normais, das vogais, grupos vocálicos, consoantes e modificações isoladas.

### **O estudo através dos documentos do século XIX**

Fora realizada uma busca exaustiva de variantes lingüísticas nos documentos editados, de modo a expressar (ou não) os estudos dialetais feitos por Amaral (1922), como já comentado, demonstrando o que já pertencia à língua antes de suas observações, pois os documentos datam de anos anteriores ao seu nascimento. Embora sejam documentos escritos dentro das normas gramaticais da época - como registra Nunes "cada escritor tinha o seu modo de ortografar, cingindo-se quase sempre ao latim" (1989, p.196) -, e majoritariamente por pessoas cultas, foi possível encontrar neles traços lingüísticos de oralidade também apontados pelo autor, como veremos.

### **O falar caipira**

Amaral (1955, p.45-46) assim descreve a fala dos usuários do dialeto caipira:

(...) o tom geral do frasear lento, plano e igual, (...) as pausas que dividem tal grupo na linguagem corrente são aqui mais abundantes, além de distribuídas de modo diverso. (...) Este fenômeno ligado à lentidão da fala, ou, antes, se resolve num simples aspecto dela, pois a linguagem vagarosa, cantada, se caracteriza justamente por um estiramento mais ou menos excessivo das vogais. (...) Compreende-se que o caipira paulista, no seu pausado falar, que por força há de apoiar-se mais demoradamente nas vogais, não praticando em tão larga escala mutações e elisões.

Essa lentidão descrita por Amaral e o comparativo com a língua de Portugal diz respeito à afirmação de Bechara ao comentar que "a lentidão ao falar do português do século XVI é igual ao falar do brasileiro ainda hoje"<sup>2</sup>, mostrando, assim, que o português no Brasil

---

<sup>2</sup> Seminário Língua & Linguagem no Centro Universitário Fundação Santo André, São Paulo, em 05 de junho de 2006.

permanece mais arcaico que o de Portugal desde tempos longínquos.

Para chegar a essa premissa, verificou-se que há pouquíssimas elisões nos documentos (*d'excluir, d'incluir* [1936: f1v], *d'acordo, d'outra* [1936: f2r], *d'abandonar, d'antes, d'apposiçaõ, d'artigos* [1936: f2v], *desda* [1838: f3] *d'urgente* [1859: f1]), e que as variações das vogais realmente são em grande número, assim como processos evolutivos que, além de serem apresentados no *corpus*, ainda estão presentes na fala dos paulistas e verificados em outras regiões do país, como apontado por Antenor Nascentes em “O linguajar carioca”, de 1953. De qualquer modo, embora haja lentidão, isso não impede a síncope de alguns fonemas e sílabas em vocábulos que estudaremos a seguir, embora estejam obedecendo à evolução natural do idioma, corroborando com Vasconcelos (1928, p.335-336) ao registrar que “a linguagem popular contém muitas formas arcaicas (...) bem como muitas formas intermédias [além de] conter muitas formas em fase mais adiantada que as literárias”.

### **As variantes**

Lembremos que a pesquisa segue como guia a obra de Amaral, que separou as alterações fonéticas em *vogais, grupos vocálicos, consoantes e modificações isoladas*. Como este último subitem não faz separação de vogais, consoantes e sílabas, aqui se fez colocando os metaplasmos dentro de cada item a que se referia o assunto, por exemplo: se havia assimilação de vogais, então essa variação ficará demonstrada dentro do subitem denominado *vogais*. Dessa forma, na parte que acarretará “modificações isoladas”, ficarão os casos em que sílabas sofreram alteração. As palavras serão transcritas como variantes, havendo, após, o ano e fôlio em que está o verbete, e a palavra na ortografia atual depois de parêntese pontiagudo<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> Dentro dos estudos etimológicos costuma-se utilizar o parêntese pontiagudo para indicar os processos de evolução passados por uma palavra, entretanto, neste capítulo tal símbolo não terá esse valor: seu uso será o de apenas para interligar a variante com o verbete adotado na normatização ortográfica atual.

## Vogais tônicas

De acordo com Amaral (1955, p.48), “as tônicas, em regra, não sofrem alteração”. A confirmar temos os registros dos vocábulos *agóra* [*hac hōra*] (1881: f1v; 1882: f2) – em Nunes (1989, p.35) “quando numa palavra composta se perdeu a consciência dessa composição, o acento tônico conserva o antigo lugar” -, *dár* [dãre] (1840: 2v), *corrér* [currēre] e *déste* [de + ĩste] (1842: 1r), *torcér* [torquēre] e *aparecéo* [apparescēre] (1842: 2r), *difére* [diffēro] (1849: f1), *atribúem* [atribũo] (1861: f1r), *desprêzo* [des + pretĩo] e *úm* [ũnus] (1861: 1r), *cédo* [cĩto] (1868: f2), *vér* [vidēre] (1872: f1v doc. 2), *róza* [rōsa] (1882: f3), *dónde* [de + ũnde, do latim vulgar] (1886: f2) e *escóla* [schōla] (1884: f1, f1v [duas ocorrências]) que aparecem, inclusive, acentuadas. Excetuando esses exemplos, verificou-se que de 357 variantes, apenas onze apresentaram modificação na vogal tônica, admitindo, então, o observado por Nunes (1989, p.32): “o tônico da língua vulgar persiste em português”, e demonstrando que no dialeto caipira tal regra permanece.

Considerações sobre as que sofreram alteração:

- *álem* (1854: f1 doc. 2) < além: segundo Vasconcelos (1928, p. 367) “a pronúncia moderna é *àlem* e *aquém*, com *a* aberto, que se justifica pelos *aa* antigos”;
- *recolhio* [re- + *colher*] (1843: f5) < recolheu, *curpo* (1880: f3) < corpo: alçamento da vogal tônica;
- *necessete* (1785: f46) < *necessite*, *esperito* (1832: f1) < espírito, *legetimo* (1833: f3) < legítimo, *Maurecio* (1854: f1) < Maurício, *devea* (1785: f45v) < devia, *paes* (1852: f1v) < país: rebaixamento da vogal tônica;
- *cidadoês* (1850: f1) < cidadãos: a alteração do sufixo – *ao* para –*ões* dá-se devido ao “cruzamento que se opera entre palavras que têm significação e som muito parecidos” (Nunes, 1989, p. 152), ou seja, outras terminações iguais confundem ao se fazer o plural.

Amaral (1955, p. 48) também ressalta que “quando seguidas de ciciante (s, z), no final dos vocábulos, se ditongam pela geração de um *i*: *rapáiz, mêis, nóis, luiz*” . Fora encontrada a palavra *féis* (1854: f2 doc. 2) < fez, corroborando com o apontamento do autor e de Viaro (2004, p. 199), que analisa o iode como um fenômeno brasileiro: “em sílabas tônicas finais em que há vogal seguida de /s/”.

### **Vogais átonas postônicas**

Amaral (1955, p. 49) segue: “não se operou aqui a permuta do *e* final por *i*, que se observa em outras regiões do país (*aquêli, êsti*), como não se operou a de *o* por *u* (*povu, digu*)” - o que é confirmado tendo em vista os documentos daquele período, pois fora encontrado apenas o vocábulo *quazi* (1849: f1; 1858: f1) < quase nos fôlios editados. Entretanto, há os seguintes fenômenos:

- dissimilação de vogais: *camera* (1785: f45v; 1855: f1) < câmara, *portufelicenses* (1836: f1) < porto-felicenses;
- ditongação: *vantageins* (1840: f1v) < vantagem, *offeinda* (1840: f1v) < ofenda, *quintaõ* (1842: f2) < quintal;
- alçamento: *possuim* (1872: f1v doc. 2) < possuem, *au* (1882: f3) < ao, *apicula* (1883: f1v) < apícola, *agricula* (1883: f1v) < agrícola;
- síncope: *cadavres* (1851: f2 [duas ocorrências]) < cadáveres, *carcero* (1880: f3v) < carcereiro;
- epêntese de vogal: *digueno* (1865: f1) < digno, *calyssaia* (1882: f1v) < calísia;
- nasalização: *lem* (1884: f1 doc. 2) < lei;

### **Vogais átonas pretônicas**

Na obra (1955, p. 49): “*e* inicial aparece em *i* nasal; (...) medial muda-se

frequentemente em *i*, [embora] na pronúncia portuguesa tem-se dado justamente o fenômeno contrário (dissimilação)”. Ainda sobre ela: “*o* – medial, muda-se muitas vezes em *u* (...) [mas] conserva-se nos derivados e nas formas flexionadas”. A cerca de *en*, *em*: “muda-se em *in*” e *on* “medial, muda-se em *u*”.

Em relação ao processo de assimilação, foram encontrados 71 verbetes; de dissimilação foram 55; as palavras que passaram pelo fenômeno do alçamento foram 27 e as de rebaixamento, 27 (vide os vocábulos em Anexos, p. 610), sustentando em partes a tese do autor.

Vejamos também os outros fenômenos que seguem:

- nasalização: *enconomizar*<sup>4</sup> (1854: f2 doc. 2) < economizar, *esverdinhada* (1864: f1 doc. 3) < esverdeada;
- desnasalação: *nehum* (1829: f1) < nenhum, *demonstrado* (1841: f2) < demonstrado, *demonstrar* (1843: f3) < demonstrar, *espetor* (1860: f2) < inspetor;
- epêntese: *proontemente* (1808: 63) < prontamente, *perezidente* (1855: f1) < presidente, *adimirar* (1886: f2) < admirar;
- aférese: *inda* (1834: f1; 1845: f1) < ainda, *te* (1836: f2v) < até;
- prótese: *atravessias* (1852: f1v [duas ocorrências]) < travessias, *denovamente* (1857: f1) < novamente;
- hiperbibasmo: *ponté* (1868: f1) < ponte;
- síncope: *obdeceraõ* (1880: f4) < obedeceram.

Notemos que esses metaplasmos encontrados em relação às vogais vão além do trecho comentado por Amaral no parágrafo que abre este subitem (inclusive nas “modificações acidentais” [1955: p. 53]), assim como os vocábulos *até*, *ainda*, *nenhum* que ainda se apresentaram em alguns documentos na forma mais arcaica, algo que no século XIX não era

---

<sup>4</sup> Em Nunes: “tanto a língua repugna o *e* e *i* iniciais isolados que, quando os conserva, muitas vezes os nasaliza” (1989, p.57).

mais encontrado com a frequência que se via nos séculos anteriores.

### Grupos vocálicos

Em “O Dialeto Caipira” há os apontamentos (AMARAL, 1955, p. 50/51).:

(...) *ai*, antes da palatal *x*, reduz-se à prepositiva; *ei* reduz-se a *ê* quando seguido de *r*, *x*, ou *j*; nos vocábulos seguidos de *o* ou *a* como *ceia*, *cheio*, *veia*, também aparece às vezes representado por *ê*; *ou e oi*, acentuado ou não, contrai-se em *ô*; *ei<sup>n</sup>* (*em*), em final de vocábulos, reduz-se a *e* grave; *ôu* (*om*), com a preposição *com*, reduz-se à vogal nasal *um*, quando se segue a essa palavra que comece por consoante; *ío* (hiato), final de vocábulo, ditonga-se sempre em *iu*.

O levantamento exaustivo observou que vinte vocábulos sofreram monotongação, e dentre eles respeitam-se os apontamentos desta obra. Ainda sobre os grupos vocálicos, também se notaram dezesseis palavras que passaram pelo processo de ditongação, o que consta em Nunes (1989, p. 79) como traço arcaico, e 37 ditongos sofreram rebaixamento de suas semivogais<sup>5</sup>.

Além dos citados, temos:

- alçamento da semivogal: *rechiado* (1843: f1v) > *recheado*, *informaçoins* [informatiõn] (1840: f1) < *informações*;
- apócope: *contaje* (1834: f1 doc. 2) < *contagem*, *parage* (1808: f1) < *paragem*;
- analogia: *fevrêa* – do latim *ferveo* - (1856: f1) < *fervida* – neste caso, percebemos o cruzamento com a própria origem, pois a forma já corrente no ano cito era “fervida”.

Também há as formas mais arcaicas<sup>6</sup>: *lavoiras* (1835: f3; 1841: f1v, f2, f.3v, f4) – *lavoura*; *fouces* (1864: f11v doc. 3 [duas ocorrências]) – *foice*, *couza* [causa] (1884: f1v) – *coisa*; *dous*<sup>7</sup> [dous] (1834: f1) – *dois*; *poizar* (1841: f1v) – *pousar*; *poizo* (1837: f1) – *pouso*; *oitubro* (1838: f2) – *outubro*; *oiço* (1854: f1v doc. 2) – *ouço*. Por vezes, no mesmo documento

<sup>5</sup> Vide levantamento em anexos.

<sup>6</sup> Houve a modificação do parêntese agudo por travessão pois ainda há a flutuação fonética-ortográfica dos verbetes transcritos estando as duas formas presentes, inclusive, no Vocabulário Oficial da Língua Portuguesa.

<sup>7</sup> Em Nunes (1989, p. 54): “*đūs* (por *dous*, assimilação), *dous* (arcaico e popular)”.



eram vistos as duas ocorrências, o que pode confirmar a informação de Amaral (1955, p. 50)

em seu período de estudo ao referir:

(...) em Portugal, bem como no falar da gente culta no Brasil, há notório sincretismo no uso de ditongos *ou* e *oi*. Para o caipira tal sincretismo não existe: os vocábulos onde esses ditongos aparecem são pronunciados sempre de um só modo. Assim, *lavôra*, *ôro*, *lôco* (...) e nunca *lavoira*, *oiro*, etc.; por outro lado, *dois*, *noite*, *coisa*, *poiso*, *foice*, (...) nunca *dous*, *noute*, etc. Se há formas sincréticas, são raríssimas.

## Consoantes

Em Amaral (1955, p. 51-53):

*b* e *v*, muda-se às vezes uma na outra; *d*, cai quase sempre na sílaba final<sup>8</sup>; *gh*, quando compõe sílaba com os semiditongos *au*, *uá*, *eu*, *ué*, *uí*, torna-se quase imperceptível, vocalizando-se frequentemente em *u*; *l*, em final de sílaba, muda-se em *r*, (...) quando subjuntivo de um grupo, igualmente muda em *r*; *r*, cai quando final de palavra, e essa consonância é de extrema mobilidade no seio dos vocábulos, dando lugar a metáteses e hipéteses freqüentíssimas; *s*, cai quando final de palavra paro ou proparoxítone; *lh*, vocaliza-se em *i*.

Na amostragem temos:

- assimilação: *dizesse* (1850: f1 doc. 2) < *dissesse*;
- dissimilação com supressão do *r*: *impropio* (1841: f3v) < *impróprio*, *propia* (1785: f46v) < *própria*, *registada* (1785: f46) < *registrada*, *propeada* (1843: f6) < *propriada*<sup>9</sup>;
- dissimilação: *remossa* (1819: f1) < *remorsa*, *estrados* (1841: f1v) < *estrago*, *subida* (1870: f1; 1874: f1 doc. 2) < *súbita*, *puplico* (1880: f3v) < *público*, *eisporvar* (1841: f4) < *estorvar*;
- metátese: *debutra* – do francês *débuter* - (1808: f63) < *debuta*, *porcurasaõ* (1808: f63) < *procuração*, *preteirtando* (1829: f1) < *pleiteando*, *perciza* / *precisa* (1829: f1; 1857: f1) < *precisa*, *pertenderem* (1835: f2v) < *pretenderem*, *pedrestes* (1836: f2) < *pedestres*, *furquilha* / *fruquilha* (1843: f1v, f2, f2v; 1860: f2; 1866: f1) < *forquilha*, *preseguioẽs* (1864: f1v doc. 2) < *perseguições*, *pertençaõ* (1877: f1) < *pretensão*,

<sup>8</sup> Essas ocorrências não aparecem nos documentos de Capivari.

<sup>9</sup> Nunes traz os mesmos exemplos de vocábulos em sua obra de 1989, página 155.

*persiste* (1878: f1) < *persiste*;

- apócope: *regula* (“A produção annual regula[r] de café [...]” - 1883: f1) < *regular*
- síncope: *fragante* (1836: f1v) < *flagrante*, *deleixo* (1889: f1) < *desleixo*;
- rotacismo: *poiar* (1854: f2 doc. 2) < *poial*, *disfarque* (1874: f1) < *desfalque*, *preteirando* (1829: f1) < *pleiteando*, *fragante* (1836: f1v) < *flagrante*, *dificurdade* (1865: f1) < *dificuldade*, *vurgarização* (1854: f1v) < *vulgarização*, *vurgarizei* (1854: f1v) < *vulgarizei*, *conçurtar* (1850: f1 doc.2) < *consultar*;
- epêntese de consoante: *hyportese* (1884: f2v) < *hipótese*, *preteirando* (1829: f1) < *pleiteando*, *formentar* (1882: f1) < *fomentar*;
- epítese: *inclusivel* (1839: f1 doc. 2; 1871: f1v) < *inclusive*, *finalmentis* (1880: f3) < *finalmente*;
- nasalação: *pequenhês* (1834: f1) < *pequenez*;
- desnasalação: *ordeou* (1884: f1v) < *ordenou*;
- analogia: *fedito* (1835: f1v) < *fétido*, semelhante a “*fedido*”.

Deve-se notar que entre os vocábulos registrados, há alguns de estranhas variações, provavelmente produzidos sob processo de hipercorreção:

- *t* sonorizou-se em *d* em *subida* (1870: f1; 1874: f1 doc. 2) < *súbita* [subītus];
- *g*, letra que sofrera várias modificações, por vezes vocalizando-se e até assimilando-se, derivou de *d*: *estrados* (1841: f1v) < *estrago* [strago];
- historicamente *p* pode abrandar-se a *b*, mas encontra-se o inverso em *hoptinham* (1808: f63) < *obtinha* [obtīnēre];
- e em *obtorgantes* (1808: f63) < *outorgantes* [auctoricāre], há o singular regresso de *u* para *b*<sup>10</sup>.

<sup>10</sup> Segundo Nunes (1989, p. 125), “a maioria, senão todos estes vocábulos em que entram os grupos *pt* e *bt* são de origem literária”.

### **Modificações isoladas**

Como citado acima, neste subitem Amaral (1955, p.53-54) organizara todos os casos que ele considerava isolados, mas, para facilitação de entendimento, o que se tratava de fonemas consonantais e vocálicos foram postos juntamente com os subitens a que se referem. Abaixo veremos casos em que houve variação na estrutura da palavra em relação a sílabas, mas que também foram observadas nas páginas 53 e 54 de “O Dialeto Caipira”. São eles:

- ♦ apócope: *Peynhauzen* (1819: f1) < Pinhalzinho;
- ♦ síncope: *orgou* (1836: f2) < ortogou, *pargem* (1785: f46v) < página, *antrior* (1841: f2v) < anterior, *detriorado* (1852: f1; 1858: f1) < deteriorado, *priudo* (1864: f1v doc. 2) < período, *impossiblitaõ* (1872: f1) < impossibilitam.

Formas proclíticas não foram encontradas nas transcrições.

### **O estudo através dos falares dos capivarianos do século XXI**

Aqui abordaremos o breve estudo do falar capivariano, tendo como base as entrevistas de quatro moradores da região, e, novamente, seguir-se-á o mesmo caminho feito por Amaral (1955) em seu capítulo sobre Fonética.

As entrevistas foram feitas com moradores da zona urbana durante o ano de 2006 e julho de 2007, sendo eles dois homens e duas mulheres: Sr. D.R.J., 77 anos, branco; Sra. M.L.S.G., 82 anos, branca; Sra. A.C.B.T., 59 anos, negra; e Sr. O.T., 91 anos, negro. Todos estudaram até a quarta série, pertencem à classe média-baixa, média e média-alta, descendentes de brasileiros e nascidos e criados na região.

### **Generalidades**

Como vimos, Amaral começa o capítulo (1955, p.45) comparando a prosódia caipira com a portuguesa, e sob esse véu, comenta que “o tom geral do frasear é lento, plano e igual,

sem variedade de inflexões, de andamentos e esfumaturas que enriquece a expressão das emoções na pronúncia portuguesa”. A oralidade do século XXI, no entanto, encontra uma breve diferenciação do observado pelo autor: de modo geral, embora o falar do capivariano ainda seja lento, não é tão plano e igual, demonstrando, justamente, as emoções através de prolongamentos nas sílabas tônicas e expressões enfáticas, assim como o bastante uso de fáticos. Entrementes, é interessante observar neste ponto a diferença entre negros e brancos: há uma maior articulação nasal entre a vogal e a consoante nas sílabas tônicas nasais dos entrevistados brancos quando a conversa transcorria em ritmo ordenado. Verbetes como *diferente* [dʃife'Pẽ̃tʃe], *frente* ['fPẽ̃tʃe] aparecerem mais acentuados de modo a ser audível uma glide após a vogal nasal. Durante o exame oral dos entrevistados negros, o fenômeno também surge, mas a tônica não ocorre tão lentamente como o observado com os brancos.

Voltando à obra de Amaral, no parágrafo 3<sup>11</sup> ele diz que “elisão de vogais átonas (...) são aqui fenômenos relativamente raros” e que ao “apoiar-se mais demoradamente nas vogais, não pratique em tão larga escala essas mutações e elisões”. Embora fora notado vários casos de alçamento, tais afirmações continuam sendo uma constante, assim como também não ocorre tantas variações com as consoantes, como o *t* e o *d* do dialeto caipira, por exemplo, que não se manifestam como africadas alveopalatais defronte das vogais *e* / *i*, diferentemente de outras cidades do estado de São Paulo, mas como oclusivas alveolares.

### **Os fonemas e suas alterações normais**

Amaral<sup>12</sup> introduz o capítulo fazendo um parecer do *s* e do *r* pós-vocálicos. Especialmente sobre o *r* ele diz que “possui um valor peculiar: é *linguo-dental* e guturalizado” e que “para o ouvido, este *r* caipira assemelha-se bastante ao *r* inglês post-vocálico”. Para isso, verificou-se que ainda é bastante presente o *r* retroflexo alveolar vozeado, continuando a

---

<sup>11</sup> *Ibidem*

<sup>12</sup> *Ibidem*, p. 47/48.

ser a marca do dialeto caipira, de tal modo que foi possível encontrar vários exemplos de rotacismo no qual o retroflexo destaca-se na fala. Entretanto, retifica-se Amaral ao dizer que “não há quase vibração tremulante”: haverá casos em que os entrevistados brancos justamente não utilizam a fricativa glotal desvozeada, desse modo, verbetes como *carro* pronunciados como [ˈkaho] ou [ˈkaXo], aparecem como *caro* [ˈkaŋo]. Assim também o são *desinterá* [dezĩtʃeˈra], *moreu* [moˈɾeY≈] e *derubava* [deɾuˈbava]. Acerca deste assunto, Silva (2005, p.39) diz que tal fenômeno “ocorre em alguns dialetos (ou mesmo idioletos) do português brasileiro. Pronúncia típica do português europeu e ocorre em certas variantes do português brasileiro (por exemplo em certos dialetos do português paulista)”.

Também não foi encontrada a vocalização da classificada como “explosiva gutural *gh*” por Amaral<sup>13</sup>, e a afirmação de que “a consonância palatal molhada *lh* não existe no dialeto” foi contraposta, pois, embora ainda haja tal variante apontada pelo autor, como visto em *veirada* [vEyaˈ©ad↔], *trabaia* [tPaˈbaya] e *óio* [ˈ□yY], os entrevistados costumam pronunciar os verbetes utilizando a lateral palatal vozeada, fazendo, inclusive, o contrário ao comentado pelo autor: o ditongo *ia* palatiza-se, como em *familha* [faˈmi×↔].

## Vogais

Amaral (1955, p.48) chama a atenção para o aparecimento de iodes dizendo que “quando seguidas de ciciante (*s* ou *z*) no final dos vocábulos, se ditongam pela geração de um *i*”, o que se confirma na oralidade presente, como nos casos: *rapaiz* [haˈpaI≈s], *feiz* [ˈfeI≈s] e *nóis* [ˈn□I≈s].

Nos parágrafos seguintes, o autor<sup>14</sup> também ressalva as mudanças nas vogais pretônicas, em que observa “e – inicial, aparece mudado em *i* nasal”, o “e<sup>n</sup> (em, em)” segue o mesmo exemplo e o “medial muda-se frequentemente em *i*”. Em análise, a tendência para

<sup>13</sup> *Ibidem*.

<sup>14</sup> *Ibidem*, p. 49/50.

nasalação não fora observada, todavia, os entrevistados costumam altear a vogal *e* estando ela no início do verbete ou entre consoantes, assim temos os exemplos de *imbora* [ĩ'b◻™↔], *iscola* [is'k◻↔], *cimitério* [simi'tEPI≈Y], [sidad5i'zi)↔], *milhó* [mi'×◻] e *minino* [mi'ninY].

No parágrafo 10 e 12, Amaral diz que “o – medial, muda-se muitas vezes em *u*”, ocorrendo o mesmo fenômeno para “õ (on, om)”. Novamente constata-se tais variantes em *pertuguêis* [pu©tu'geI≈s], *bunita* [bu'nit↔], *fulia* [fu'II≈↔], *cunsiuiro* [kũsi'gi©Y≈] e *custurava* [kustu'©av↔].

O processo de dissimilação ocorrido nas palavras, verificadas através do rebaixamento das vogais de que o autor faz esse comentário<sup>15</sup>: “em *inteiro* e *indireitar*, depara-se às vezes o *i* mudado em *e*”, não fora notado durante a transcrição das entrevistas.

Quanto à afirmação sobre as postônicas<sup>16</sup>: “não se observou aqui a permuta de *e* final por *i*, que se observa em outras regiões do país, como não se operou a de *o* por *u*, fenômeno este que se manifestou em Portugal, ao que parece, a partir do século XVIII”, de acordo com as transcrições fonéticas, percebemos que muitas vezes os entrevistados alteavam a vogal final de forma muito natural, de modo que tal fenômeno é prescrito por Silva (2005, p.85/86) ao dizer que “para a maioria dos falantes do português brasileiro as vogais postônicas finais são distintas das vogais tônicas e são pronunciadas como [I, ↔, Y]”.

### Grupos vocálicos

De modo geral, Amaral (1955, p.50-51) explicita as monotongações ocorridas com os grupos orais *ai*, *ei*, *ou*, e nasais *ei*<sup>n</sup> (*em*), *õu* (*om*). Além dos destes, o autor<sup>17</sup> faz a seguinte observação: “ío (hiato) – final de vocábulo, ditonga-se em íu”.

<sup>15</sup> *Ibidem*

<sup>16</sup> *Ibidem*

<sup>17</sup> *Ibidem*, p. 51.

Este fenômeno ocorre amplamente no dialeto caipira utilizado em Capivari, sendo um dos mais aparentes em todos os entrevistados. Nas transcrições não é raro encontrarmos variantes como a redução da desinência verbal da 3ª pessoa do plural *-am* em *-o*, vistas em *compraro* [kõ'p@aPY] e *dexaro* [de'ΣaPY] -, e demais monotongações exemplificadas em *carderero* [ka©de'PePY], *sére* ['sEPI], *mantega* [mã'teg↔], *caxa* ['kaΣ↔], *corage* [ko'©aZe], *batizô* [bat5i'zo], e *torada* [to'©ad↔]. O caso do hiato obtém-se em *tiu* ['tI≈u].

O trecho a que se referem os grupos<sup>18</sup> “*bom, tom e som* – muda-se em *ão*” não fora observado nas transcrições, todavia, ocorre justamente o contrário nos casos como *pistom* [pis'tõ<sup>w</sup>®] e *questam* [kes't□®].

### Consoantes

No parágrafo 20, Amaral (1955, p.51) relata que o “*d* – cai quase sempre na sílaba final das formas verbais em *ando, endo, indo*”, embora este fenômeno não pareça ser tão constate nos falares dos capivarianos, Sr. O.T., 91 anos, pronuncia algumas vezes verbetes como *trabalhano* [tPa'ba×anY] e *falano* [fa'lanY].

Quanto à consoante *l*, a obra (1955, p. 52) traz “em final de sílaba” e “quando subjuntivo de um grupo, igualmente se muda em *r*”. Este rotacismo está muito presente, vistos em *vorta* ['v□ta], *arfaiate* [a©faI≈'at5e], *crube* ['kPubI], *mavardeza* [mava©'dez↔], *pobrema* [po'bPem↔], *Amarar* [ama'Pa©] e *temporar* [têpo'Pa©].

Em relação ao *r*, Amaral<sup>19</sup> registrou que “cai, quando final de palavra” e “esta consonância é de extrema mobilidade no seio dos vocábulos, dando lugar a metáteses e hipéteses freqüentíssimas”, e continua sendo assim comparando com exemplos como *açuca* [a'suka], *pobrema* [po'bPem↔], *drento* [dPê't5Y], *milhó* [mi'×□], *quarqué* [kY9a'©kE], *morrê* [mo'ře] e *explicá* [espli'ka].

<sup>18</sup> *Ibidem*.

<sup>19</sup> *Ibidem*, p. 53

Da mesma forma ocorre com a afirmação<sup>20</sup> sobre o *s* que “cai, quando final de palavra *paro e proparoxítona*” e “conserva-se nos adjetivos determinados e nos pronomes, ainda que graves, o que se explica pela posição proclítica habitual (...), quando não há próclise, se submete à regra (...) à necessidade de manter um sinal de pluralidade”: *mai* ['maI≈], *nói* ['nɔI]≈, *ficamo* [fi'kamY], *quantos lugar* ['kY9ãtos lu'ga©], *dois home* ['doI≈s 'ɔme], *os branco* [Ys 'bPãkY].

### Modificações Isoladas

No dialeto caipira, Amaral (1955) considera todas as alterações citadas acima “normais”, e abriu um subitem para abordar o que ele chama de “acidentais” os demais casos de metaplasmos encontrados na fala. Como realizado no item 1.2.6, serão vistos aqui o casos vistos na obra e outros não encontrados pelo autor, exceto os já expostos e as prótese e epítese que não foram observadas durante as entrevistas:

- Assimilação: *qualhado* [kY≈a'xadY] < coalhado, *ventríloco* [vẽ'tPilokY] < ventríloquo, *pidiu* [pi'd5I≈u] de pediu;
- Aférese: *borrecido* [bore'sidY] < aborrecido, *manhecia* [ma]e'si↔] < amanhecia, *ocê* [o'se] < você;
- Elisão: *desdo* ['desdo] < desde o;
- Eclipse: *coa* ['koa] < com a;
- Síncope: *precia* [p©e'sia] < presenciar, *tamém* [tã'mêI9] < também, *memo* ['memo] < mesmo, *pocissão* [posi'sãY≈] < procissão, *pa* ['pa] < pra;
- Desnasalização: *compania* [kõpa'nI≈a] < companhia;
- Epêntese: *adevogado* [ad5evo'gadY] < advogado;
- Aglutinação: *padanto* [pa'dãtY] < ‘para dentro’, *cumé* [ku'mE] < como é;

<sup>20</sup> *Ibidem*.



- Apócope: *cavalim* [kava'li] < cavalinho;
- Metátese: *ni* ['ni] < em;
- Monotongação: *num* ['nũ] < não

### Conclusão: comparando os séculos XIX e o XXI

De acordo com o obtido nas entrevistas e nos documentos, vemos que Amaral (1955):

- após quase um século da edição de sua obra, ainda há muitas variantes que se conservaram e continuam presentes no vocabulário do dialeto caipira, embora haja alguns casos descritos que não aparecem com tanta constância, pelo menos na cidade de Capivari, como a afirmação feita sobre a lateral palatal *lh* ou a vibrante alveolar vozeada;
- suas observações também não estavam tão longe do passado, considerando que foram encontrados durante o estudo dos fôlios vários fenômenos, como as flutuações dos escrivões quanto ao uso de *e / i*, *o / u* e dos registros de outros metaplasmos, do mesmo modo presentes, como a forte presença do rotacismo, epêntese e metátese da consoante *r*, entre outros, e os arcaísmos constantes na língua.

Fazendo uma comparação entre os séculos, teremos as seguintes amostragens:

Variantes apresentadas nos documentos de Capivari do século XIX								
Fenômenos lingüísticos	Vogais tônicas	Vogais pretônicas	Vogais postônicas	Grupos vocálicos	Consoantes	Modificações acidentais	Outros	Total
Aférese	-	02	-	-	-	-	-	02
Alçamento	02	27	01	02	-	-	-	31
Analogia	01	-	-	01	01	-	-	03
Apócope	-	-	-	02	01	01	-	04
Arcaísmo	-	-	-	08	-	-	-	08
Assimilação	-	71	04	-	01	-	02	78
Desnasalização	-	03	01	-	01	-	-	05
Dissimilação	-	55	02	-	09	-	-	66
Ditongação	01	-	03	16	-	-	-	20
Epêntese	-	03	02	-	03	-	-	08
Epítese	-	-	-	-	02	-	-	02

<b>Hiperbibasmo</b>	-	01	-	-	-	-	-	01
<b>Iode</b>	01	-	-	-	-	-	-	01
<b>Metátese</b>	-	-	-	-	12	-	-	12
<b>Monotongação</b>	-	-	-	20	-	-	-	20
<b>Nasalização</b>	-	02	01	-	01	-	-	04
<b>Prótese</b>	-	02	-	-	-	-	-	02
<b>Rebaixamento</b>	06	27	-	37	-	-	-	70
<b>Rotacismo</b>	-	-	-	-	08	-	-	08
<b>Síncope</b>	-	01	02	-	02	06	-	11
<b>Total</b>	11	194	16	86	41	07	02	357

<b>Variantes apresentadas nos falares dos capivarianos do século XXI</b>								
<b>Fenômenos lingüísticos</b>	<b>Vogais tônicas</b>	<b>Vogais pretônicas</b>	<b>Vogais postônicas</b>	<b>Grupos vocálicos</b>	<b>Consoantes</b>	<b>Modificações acidentais</b>	<b>Outros</b>	<b>Total</b>
<b>Aférese</b>	-	08	-	-	-	-	-	08
<b>Aglutinação</b>	-	-	-	-	-	04	-	04
<b>Alçamento</b>	03	22	98	02	-	-	-	125
<b>Apócope</b>	-	-	60	11	71	01	-	143
<b>Assimilação</b>	-	13	02	-	-	-	02	17
<b>Desnasalização</b>	01	-	-	-	01	-	-	02
<b>Dissimilação</b>	-	-	-	-	01	-	-	01
<b>Ditongação</b>	-	-	-	-	-	05	-	05
<b>Eclipse</b>	-	-	-	-	-	01	-	01
<b>Elisão</b>	-	-	-	-	-	02	-	02
<b>Epêntese</b>	-	-	-	-	-	01	-	01
<b>Iode</b>	14	-	-	-	-	-	-	14
<b>Metátese</b>	-	-	-	-	02	-	-	02
<b>Monotongação</b>	-	-	-	34	-	-	-	34
<b>Palatização</b>	-	-	-	-	01	-	-	01
<b>Rotacismo</b>	-	-	-	-	25	-	-	25
<b>Síncope</b>	-	-	-	-	12	-	-	12
<b>Total</b>	18	43	160	47	113	14	02	397

Podemos notar que foram 357 variantes encontradas, e, durante a entrevista dos quatro capivarianos, 397. Mas é importante lembrar que, durante a análise:

- se houvesse a repetição da palavra com a mesma variante, esta era contada somente uma vez;
- os documentos foram escritos em sua grande maioria por mãos hábeis, mas que também se deixaram influenciar pelos hábitos do falar do dia-a-dia, e trazem registrados as variantes em seus fôlios, por isso fora possível encontrar, embora não tão frequentemente, registros de oralidade na escrita.

Assim sendo, muitos dos fenômenos lingüísticos que temos atualmente acerca do nosso idioma fazem parte de nossos vocabulários há muito tempo, como comprova os documentos do século XIX, e embora nossa língua evolua, ainda guarda muitos traços de nossos antepassados. E ainda, apesar de o estudo ter sido feito tomando a cidade de Capivari e a obra de Amadeu Amaral como guia, ele também representa a realidade de muitas outras cidades de São Paulo e do Brasil, as quais mantêm em seus dialetos locais os apontamentos vistos aqui.

### **Referências bibliográficas**

- AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira**. São Paulo: Anhembi. 1955.
- CARDOZO, Suzana; FERREIRA, Carlota. **A dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.
- NUNES, José Joaquim. **Compêndio de gramática histórica portuguesa**. Lisboa: Clássica, 1989.
- OLIVEIRA, Fernão de. **A gramática da linguagem portuguesa: introdução, leitura atualizada**. Lisboa: Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 1975.
- SILVA, Thaís Cristófar. **Fonética e Fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. 8. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2005.

### **Bibliografia consultada**

- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **The urbanization of rural dialect speakers. Cambridge studies in linguistics supplementary volume**. Great Britain: University Press, 1985.
- KOCK, Ingedore G. Villaça. **Gramática do Português Falado. Volume IV: Desenvolvimentos**. 2. ed. São Paulo: Editora Unicamp, 2002
- MEGALE, Heitor (org.). **Filologia Bandeirantes. Estudos 1**. São Paulo: Humanitas, 2000.
- RODRIGUES, Ada Natal. **O dialeto caipira na região de Piracicaba**. São Paulo: Ática, 1974.

SILVEIRA, Ana Amélia Menegasso da; TENANI, Luciani Ester. **Elevação vocálica no dileto do interior paulista: contribuições para os estudos de variação fonológica do português do Brasil.** *Revista de Estudos Lingüísticos*, Araraquara, v. 36, n. 1, jan./abr. 2007. Disponível em: <<http://gel.org.br/4publica-estudos-2007/sistema06/01.PDF>> Acesso em: 29 ago. 2007.

VIARO, Mário Eduardo. **Por trás das palavras. Manual de etimologia do português.** São Paulo: Globo, 2004.